

SBNp news

A NEWSLETTER OFICIAL DA SBNp

OUTUBRO | 2024



A capa da SBNp News de outubro é dedicada ao [Dia Internacional dos Idosos](#), comemorada no dia 01 de outubro.



SOCIEDADE BRASILEIRA DE NEUROPSICOLOGIA

Presidente

Annelise Júlio-Costa

Vice-presidente

Laiss Bertola

Secretaria

Maila Holz

Rodrigo Sartori

Tesouraria

Beatriz Bittencourt

Andressa Antunes

Conselho Deliberativo

Giulia Moreira Paiva

Rochele Paz Fonseca

Karin Ortiz

Tiago Figueiredo

Conselho Fiscal

Natália Dias

Caroline Cardoso

Tiago Figueiredo

Brazilian Neuropsychological Academy (ABNp)

Leandro Malloy Diniz

Deborah Azambuja

SBNp JOVEM

Presidente

Patricia Ferreira da Silva

Vice-presidente

Juliana Barbosa Nogueira Toledo

Secretaria

Maitê Schneider

Caetano Schmidt Máximo

Artur Russo Mateus

Membros SBNp Jovem

Aline Carolina Bassoli Barbosa

Ana Laura Araújo Dutra

Diego Alves Ferreira

Evellyn Millene Alves Camelo

Gabriela Canal Brito

Isabela Espezin Helsdingen

Joana D'arc Oliveira de Mendonça

Laura Verônica Figueiredo Ludgero

Lucas Correia Signorini

Miguel Gomes Garcia

Pablo Silva de Lima

Thais Suarez

EXPEDIENTE DO SBNp NEWS

Editor chefe

Luciano da Silva Amorim

Editora assistente

Victoria Guinle

Projeto Gráfico e Editoração

Gabriela Canal Brito

Revisão

Luciano da Silva Amorim

NOSSO OBJETIVO

UM RECADO DA NOSSA EQUIPE DE EDITORES



LUCIANO AMORIM | EDITOR CHEFE

VICTORIA GUINLE | EDITORA ASSISTENTE

A **SBNp News** é uma ferramenta de **atualização** para profissionais e estudantes de Neuropsicologia, trazida pelo Comitê Jovem da SBNp.

O volume de informações e conteúdos sobre nossa área cresce em ritmo acelerado, e, junto a ele, a insegurança quanto à qualidade e veracidade dessas informações. O dia a dia dos neuropsicólogos tem sido conturbado. São comuns as queixas de sobrecarga diante das diversas demandas do cotidiano.

Neste cenário, encontrar um profissional que consiga manter-se consistentemente atualizado, embora crucial, permanece uma raridade.

É para isso que estamos aqui!

Buscamos oferecer **notícias** e **novidades** sobre os assuntos mais atuais em Neuropsicologia em forma de uma leitura leve e descontraída, que caiba facilmente em sua rotina.

Boa leitura!



SUMÁRIO

05
DICAS DOS
ESPECIALISTAS

07
CLÍNICA BASEADA
EM EVIDÊNCIAS

09
RECOMENDAÇÕES
DE LIVROS

12
PERGUNTE
À SBNP

14
FUNÇÕES COGNITIVAS
NO DIA A DIA

18
MITOS E VERDADES

19
A CLÍNICA
COMO ELA É

21
CURIOSIDADES SOBRE
NEUROPSICOLOGIA

23
POR DENTRO DA
ACADEMY

26
DIVULGAÇÕES EM
NEUROPSICOLOGIA

COMO ESTABELECEER PARCERIAS COM COLÉGIOS, MÉDICOS E OUTROS PROFISSIONAIS DE SAÚDE?

Lucas Correia Signorini, Diego Alves Ferreira & Victoria Guinle.

Estabelecer parcerias com escolas, médicos e outros profissionais de saúde é essencial para que o neuropsicólogo se estabeleça no mercado de trabalho, e para fortalecer uma rede de encaminhamento com fluxos constantes de clientes. Além disso, essas colaborações também facilitam a comunicação e a integração das intervenções entre os demais profissionais envolvidos, o que beneficia diretamente os pacientes.

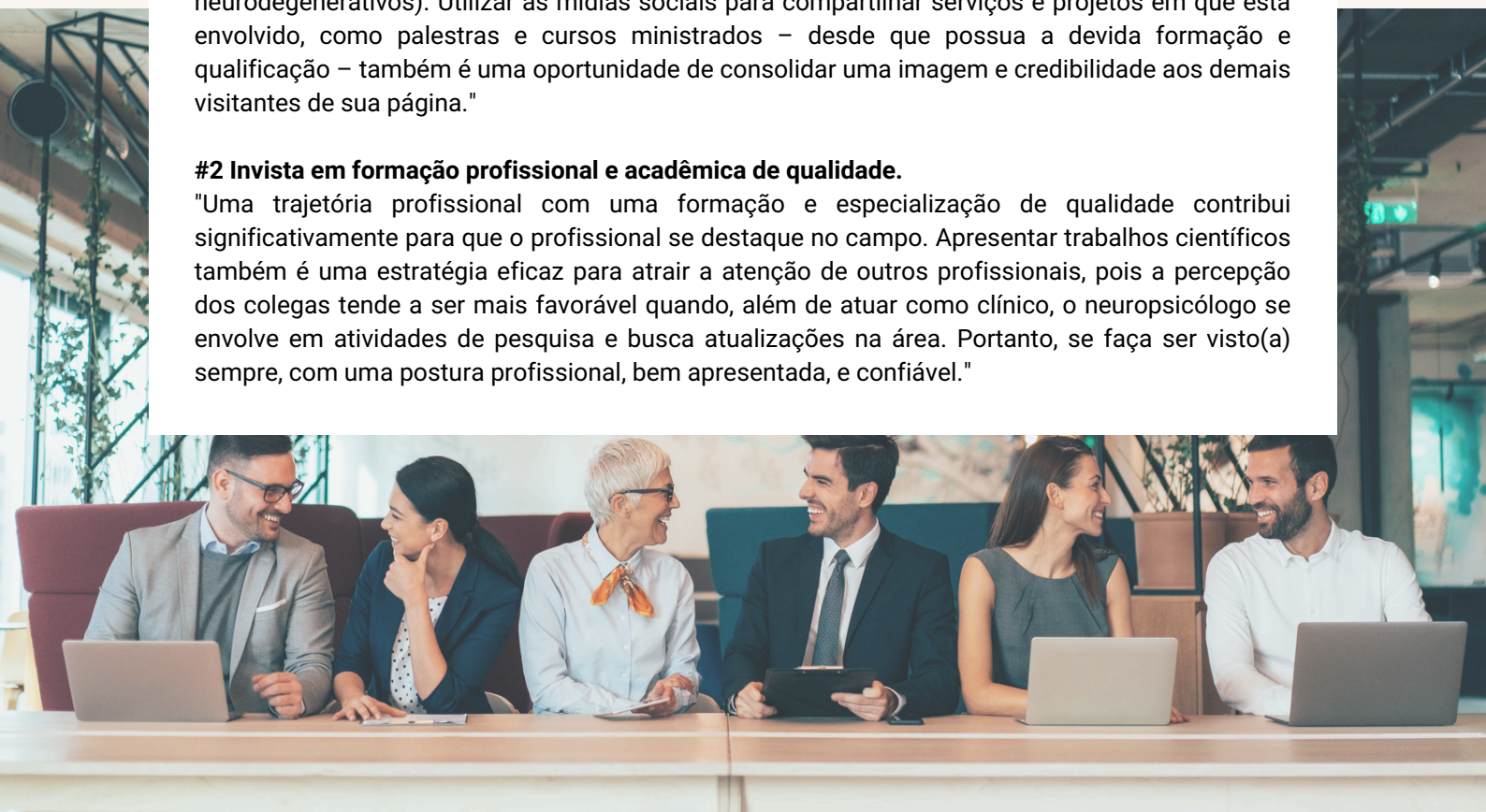
Diante da importância de se estabelecer estas parcerias, convidamos a psicóloga Victoria Guinle para fornecer dicas sobre como estabelecer colaborações duradouras. Victoria é psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), e mestranda em Saúde da Criança e do Adolescente da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (FM-UFMG). É membro do Grupo Neuropsicologia Clínico-Experimental e Escolar (GNCE) e do Laboratório de Psicologia Médica e Neuropsicologia (LAPSIMN/UFMG). É também pesquisadora do projeto EDUCA Mais promovido pela Rede Nacional de Ciência para Educação, e membro da diretoria interna da SBNp Jovem (gestão 2024-2026), sendo editora-assistente dos newsletters mentais da SBNp. Atua no âmbito clínico em avaliação e neuropsicológica da criança ao idoso. Confira as dicas a seguir.

#1 Divulgue seu trabalho em plataformas digitais.

"Anunciar o trabalho por meio da internet é fundamental, seja por meio da criação de um website, uma página nas redes sociais ou anúncio no Google. É importante que o neuropsicólogo disponibilize nesses canais informações sobre o seu percurso de formação e especialização, indicando o público-alvo que atende (infanto-juvenil, adulto ou idoso) e as demandas para as quais está direcionado (por exemplo, transtornos do neurodesenvolvimento ou quadros neurodegenerativos). Utilizar as mídias sociais para compartilhar serviços e projetos em que está envolvido, como palestras e cursos ministrados – desde que possua a devida formação e qualificação – também é uma oportunidade de consolidar uma imagem e credibilidade aos demais visitantes de sua página."

#2 Invista em formação profissional e acadêmica de qualidade.

"Uma trajetória profissional com uma formação e especialização de qualidade contribui significativamente para que o profissional se destaque no campo. Apresentar trabalhos científicos também é uma estratégia eficaz para atrair a atenção de outros profissionais, pois a percepção dos colegas tende a ser mais favorável quando, além de atuar como clínico, o neuropsicólogo se envolve em atividades de pesquisa e busca atualizações na área. Portanto, se faça ser visto(a) sempre, com uma postura profissional, bem apresentada, e confiável."



#3 Construa uma rede de contatos.

"Desde o período inicial da formação do neuropsicólogo, é preciso ter iniciativa em cultivar vínculos com profissionais de outras áreas de forma estratégica. Por exemplo, durante minha graduação, tive a oportunidade de estagiar em três hospitais e de atuar em uma escola. Nestes ambientes sempre tive o cuidado de me apresentar como uma profissional capacitada e colaborativa, o que me permitiu estabelecer relações profissionais que hoje, após ter me formado, tornaram-se fontes encaminhadoras. Se não houver um vínculo anterior, seja no período da faculdade ou estágio clínico durante a especialização, o profissional deverá adotar uma postura ativa para o estabelecimento da parceria. Isso pode ser feito através de um contato para agendar uma visita ao local, ou ainda, ao realizar o acompanhamento de um paciente no ambiente escolar. Nestes contextos, disponibilizar o cartão profissional oportuniza futuras interações e encaminhamentos por parte da equipe escolar e médica. A participação em congressos multidisciplinares (principalmente eventos sobre educação, medicina e saúde mental em geral) pode ser uma oportunidade para fazer conexões. Para tal, é importante se destacar nessas ocasiões, sempre levar consigo o cartão de visitas e estar devidamente apresentável. É preciso ter em mente que o estabelecimento de networking é um processo que requer investimento de tempo, cuidado e paciência."

#4 Desenvolva "Soft Skills".

"Os Soft Skills se referem a conjunto de habilidades comportamentais, comunicativas e interpessoais, como a assertividade e a capacidade de trabalho em equipe, que influenciam a forma como uma pessoa se relaciona com as demais. Por exemplo, no contexto da neuropsicologia, ao entrar em contato com médicos e professores para discutir o caso de um paciente que está sendo avaliado, demonstrar-se acessível para a comunicação, comprometido com o caso e aberto para a opinião desses agentes, tende a consolidar o relacionamento profissional. Em um contexto mais amplo, é preciso estar atento à sua postura, presença nas redes sociais e à mensagem transmitida pela sua imagem pessoal. Vale ressaltar que todas essas habilidades podem ser desenvolvidas mediante treinamento e aprendizagem."

#5 Desenvolva parcerias com outros psicólogos e neuropsicólogos.

"Não podemos esquecer de "olhar para dentro da própria casa", pois muitos colegas também fazem encaminhamentos, uma vez que a psicologia e a neuropsicologia são áreas amplas, com cada profissional atendendo a diferentes demandas e públicos-alvo. Além disso, professores da graduação e pós-graduação podem atuar como encaminhadores. Isso ocorre com certa frequência, pois tendem a ser profissionais de referência em seu campo de atuação, com mais demanda do que conseguem atender. Assim, impressionar esses profissionais, evidenciando sua competência e profissionalismo, pode ser decisivo."

#6 Elabore um laudo com boa qualidade técnica.

"Um bom laudo neuropsicológico pode servir como um excelente cartão de visita profissional. Nesse sentido, elaborar um bom laudo aumenta a probabilidade de que as fontes encaminhadoras continuem recomendando a avaliação. Para tal é necessário desenvolver um raciocínio clínico preciso, claro e objetivo, que possa ser bem compreendido independente da formação e nível educacional do leitor. É necessário detalhar o perfil neuropsicológico do paciente, abordando as implicações para a avaliação clínica do encaminhador e o impacto no cotidiano do paciente. Por exemplo, ao discorrer sobre dificuldades de memória operacional e controle inibitório, explicitar como podem se manifestar e causar prejuízo na aprendizagem e dia a dia da criança em avaliação. Por fim, um laudo adequado também deve conter diretrizes interventivas na conclusão de acordo com as necessidades específicas do paciente, como sugestões para adequação escolar, familiar e clínica."

DESVENDANDO O FENÓTIPO AMPLIADO DO TEA

Artur Russo Mateus & Laura Figueiredo Ludgero



No âmbito da pesquisa do Transtorno do Espectro Autista (TEA), um crescente número de estudos têm evidenciado que parentes de indivíduos com TEA frequentemente apresentam um espectro amplo de sintomas sutis do quadro. Com estas descobertas, o termo Fenótipo Ampliado do Autismo (FAA) tem sido cada vez mais utilizado para descrever traços subliminares do autismo que estão presentes em parentes de primeiro grau de pessoas com TEA (1,2,3). Estes indivíduos muitas vezes apresentam pouco interesse em ter relações sociais, têm poucas amizades, dificuldades em comunicação verbal e não verbal e funções executivas prejudicadas (1,4,7). Ademais, alguns estudos indicam que a teoria da mente pode estar comprometida (1,5,6), e que determinados traços de personalidade são mais comuns entre os membros da família, como timidez, hipersensibilidade à crítica, indiferença e rigidez (1,8).

Estudos de neuroimagem também reportam alterações estruturais em parentes de indivíduos com TEA, mesmo que não apresentem comprometimento comportamental (1,3). Evidenciam-se, ainda, os achados relacionados a marcadores bioquímicos. Alguns pais apresentaram marcadores semelhantes aos de seus filhos com TEA. Altos níveis de serotonina no sangue, marcadores inflamatórios e perfis de microbiota alterados foram alguns dos parâmetros medidos (1,9,10). Quando falamos de transtornos psiquiátricos, é encontrada uma maior taxa de transtornos de humor em pais de indivíduos autistas quando comparados com a população geral (1,11). Algumas evidências sugerem que a ruminação mental pode ter um papel importante para o início de diversas condições psiquiátricas (1,12,13), porém a evidência não é robusta para atribuir esta característica a parentes de indivíduos com TEA.

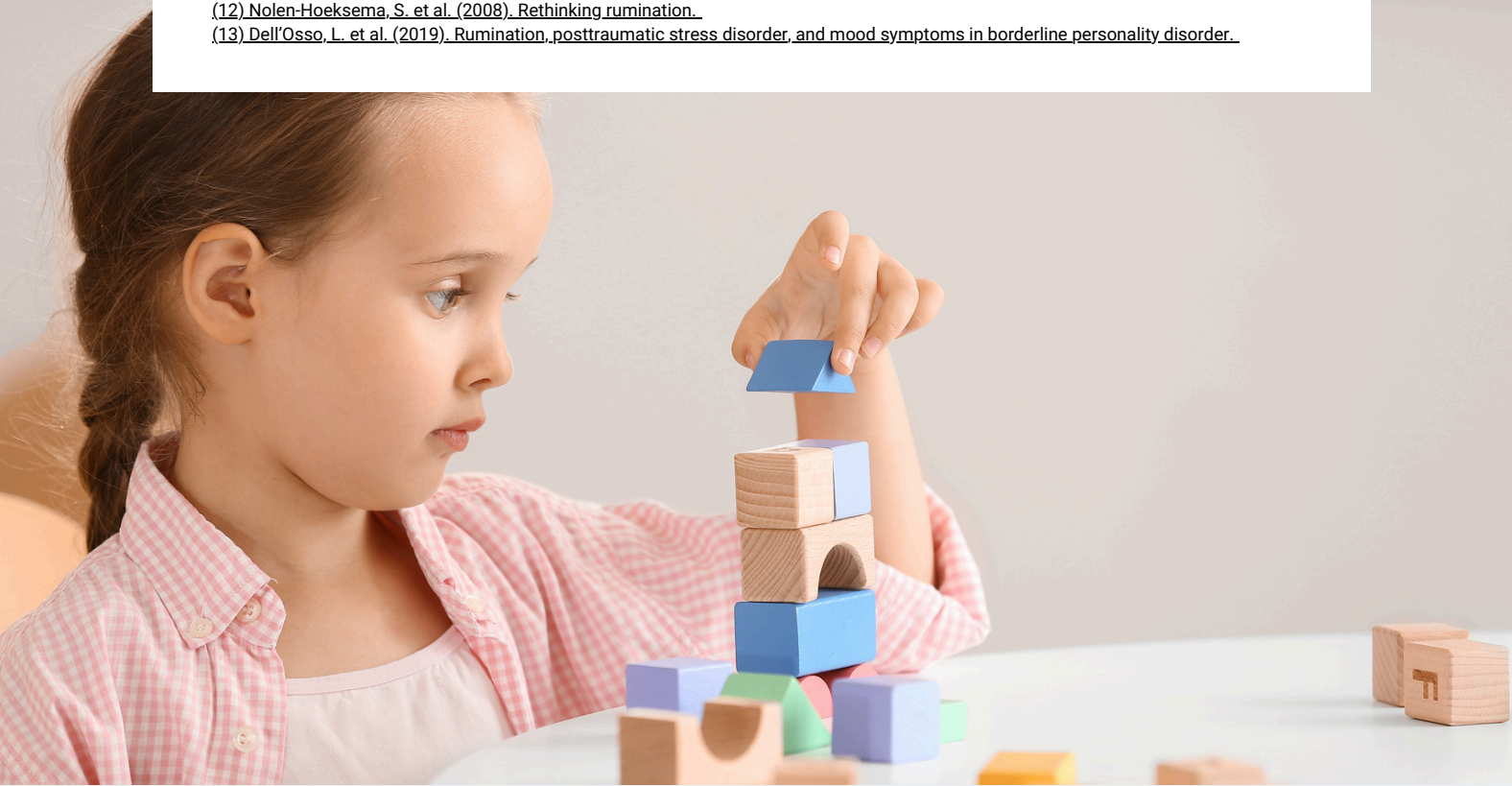
Neste contexto, Carpita e colegas (1) conduziram um estudo que teve o objetivo de investigar os correlatos clínicos e funcionais dos traços autistas (TA) entre os pais de crianças com TEA, com ênfase no pensamento ruminativo. Para tal, n=120 pais de crianças diagnosticadas com TEA responderam à Entrevista Clínica Estruturada para o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), ao Espectro Subclínico do Autismo Adulto (AdAS Spectrum), à Escala de Respostas Ruminativas (RRS), e à Escala de Avaliação do Funcionamento Social e Ocupacional (SOFAS). Os principais achados do estudo foram os seguintes:

- O pensamento ruminativo associou-se significativamente e positivamente à presença de transtornos psiquiátricos, e a uma menor funcionalidade global.
- Sujeitos com histórico de dificuldades escolares e com alterações no desenvolvimento da linguagem apresentaram escores significativamente mais altos em domínios específicos do AdAS Spectrum.
- Níveis mais elevados de traços autistas se associaram significativamente à presença de transtornos psiquiátricos, bem como a uma menor funcionalidade global.
- O domínio de comunicação não verbal se mostrou uma variável estatisticamente preditiva para a presença de transtornos psiquiátricos e para uma funcionalidade social e ocupacional mais baixa.
- A partir da análise de mediação, identificou-se um efeito significativo dos traços autistas no escore de funcionamento social e ocupacional; no entanto, esse efeito foi totalmente mediado pela presença de pensamento ruminativo.

Os presentes resultados indicam que TA em pais de crianças com TEA estão associados a uma maior vulnerabilidade à psicopatologia e a uma menor funcionalidade global. Nesse sentido, observou-se que o pensamento ruminativo desempenha um papel significativo nesta relação, o que evidencia a importância de abordá-lo ao considerar estratégias de apoio e intervenção para melhorar a funcionalidade e o bem-estar dos pais de crianças com TEA.

Referências

- (1) Carpita, B. et al. (2020). The broad autism phenotype in real-life: clinical and functional correlates of autism spectrum symptoms and rumination among parents of patients with autism spectrum disorder.
- (2) Folstein, S. et al. (1977). Infantile autism: a genetic study of 21 twin pairs.
- (3) Billeci, L. et al. (2016). The broad autism (endo)phenotype: neurostructural and neurofunctional correlates in parents of individuals with autism spectrum disorders.
- (4) Delorme, R. et al. (2007). Shared executive dysfunctions in unaffected relatives of patients with autism and obsessive compulsive disorder.
- (5) Happé, F. (1994). An advanced test of Theory of Mind: understanding of story characters' thoughts and feelings by able autistic, mentally handicapped, and normal children and adults.
- (6) White, S. et al. (2009). Revisiting the strange stories: revealing mentalizing impairments in autism.
- (7) Losh, M. et al. (2008). Defining key features of the broad autism phenotype: a comparison across parents of multiple- and single-incidence autism families.
- (8) Piven, J. (1997). The biological basis of autism.
- (9) Carpita, B. et al. (2018). Oxidative stress, maternal diabetes, and autism spectrum disorders.
- (10) Carpita, B. et al. (2019). Microbiota, immune system and autism spectrum disorders: an integrative model towards novel treatment.
- (11) DeLong, R. T. et al. (1988). Correlation of family history with specific autistic subgroups: Asperger's syndrome and bipolar affective disease.
- (12) Nolen-Hoeksema, S. et al. (2008). Rethinking rumination.
- (13) Dell'Osso, L. et al. (2019). Rumination, posttraumatic stress disorder, and mood symptoms in borderline personality disorder.



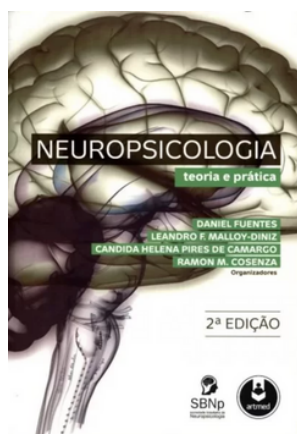
LIVROS PARA QUEM ESTÁ COMEÇANDO A ESTUDAR NEUROPSICOLOGIA

Isabela Espezin Helsdingen

'Por onde começar? Qual autor(a) eu procuro? Quais são as literaturas confiáveis?'. Estes são alguns dos questionamentos comuns quando se pretende iniciar ou aprofundar os estudos sobre um novo tema. A neuropsicologia brasileira apresenta grandes nomes e materiais qualificados, contribuindo para o incentivo aos estudos na área. Dessa forma, apresentamos abaixo algumas obras que podem ser ótimas portas de entrada para a neuropsicologia:

Neuropsicologia: Teoria e prática

Organizadores: Daniel Fuentes, Leandro Malloy-Diniz, Candida Helena Pires de Camargo e Ramon M. Cosenza, 2014.

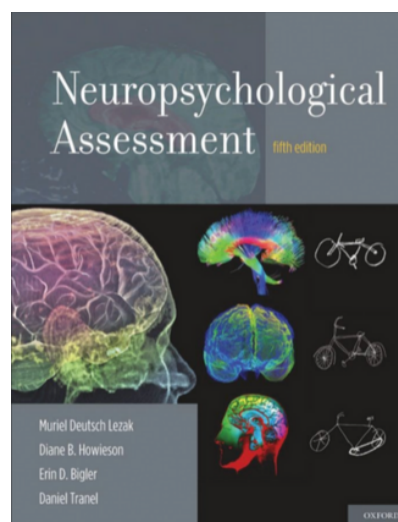


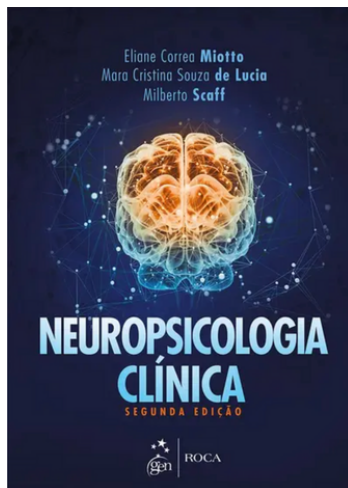
Organizada por Fuentes e colaboradores, a obra “Neuropsicologia: Teoria e prática” é uma ótima opção para alavancar o início dos estudos na área. Contemplando aspectos históricos e circuitos neuroanatômicos, nos primeiros capítulos já introduz conceitos bases da neuropsicologia. Em meio a uma leitura fluida e de qualidade, fundamentos psicométricos e exames neuropsicológicos também são apresentados. Além disso, os capítulos descrevem a interface com diversos quadros diagnósticos e funções cognitivas envolvidas nestes processos. Direcionada a acadêmicos, profissionais e pesquisadores, a leitura da obra também aplica-se para iniciantes da área, contribuindo para uma apropriação qualificada de seus conceitos.

Neuropsychological Assessment

Organizadores: Muriel Deutsch Lezak, Diane Howieson, Erin Bigler, Daniel Tranel, 2012.

Com um escopo teórico e científico robusto, Neuropsychological Assessment descreve as atividades e responsabilidades em um processo de avaliação neuropsicológica. A obra também contempla um compendium extenso de testes e técnicas de avaliação. Para além do processo da avaliação em si, este livro serve como um manual completo sobre conceitos e terminologias básicas da área. Não é à toa o alto índice de citações de Lezak e colaboradores em fundamentações teóricas sobre a neuropsicologia. Este é, com certeza, um material interessante para iniciantes, sendo sua principal limitação estar disponível apenas em inglês.





Neuropsicologia Clínica

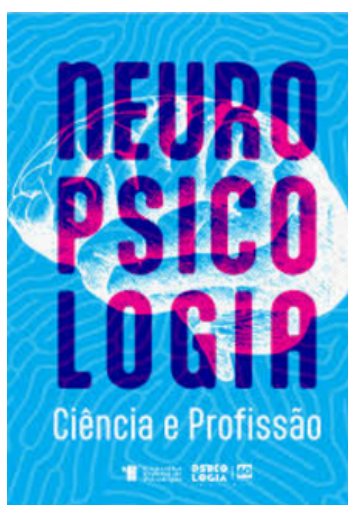
Organizadores: Eliane Correa Miotto, Mara Cristina Souza de Lucia, Miberto Scoff, 2017.

Com objetivo de atualizar o leitor sobre novas descobertas em quadros neurológicos e neuropsiquiátricos, a obra abrange alterações cognitivas e comportamentais de acordo com as fases do desenvolvimento. Além disso, discute as fronteiras entre a neurologia e a psiquiatria, explorando suas interfaces. A neuropsicofarmacologia também é temática do livro, sendo este um conhecimento vital para uma atuação clínica qualificada. Dito isso, Neuropsicologia Clínica é outro exemplo de obra nacional muitíssimo indicada para quem está começando na área.

Neuropsicologia Clínica

Organizadores: Helenice Charchat Fichman, 2021.

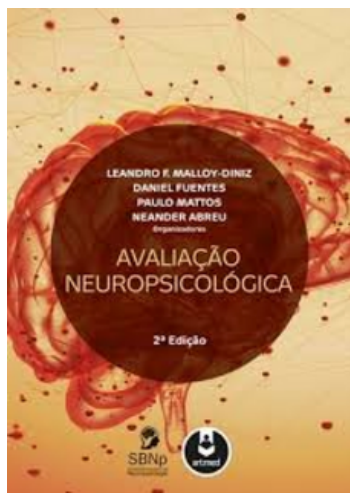
Dividida em capítulos bem estruturados, esta obra contempla atualizações sobre avaliação e reabilitação neuropsicológica. Em cada capítulo, exemplos cotidianos são citados, permitindo ao clínico, estudante e/ou pesquisador compreender como as metodologias e conceitos se aplicam a casos reais. Um diferencial desta obra é a presença de pequenos questionários de fixação ao final de cada capítulo, que auxiliam o leitor na consolidação do conteúdo. Isso certamente é muito interessante para quem está iniciando!



Cartilha Neuropsicologia: Ciência e Profissão

Organizador: Conselho Federal de Psicologia, 2023.

Mesmo não sendo um livro propriamente dito, esta cartilha merece destaque! É um material informativo, didático e gratuito desenvolvido pelo Conselho Federal de Psicologia. Foi pensado para agregar à formação acadêmica e à especialização em neuropsicologia, sendo uma ótima leitura para quem está iniciando! A cartilha aborda temas importantes como princípios técnicos e éticos, avaliação e intervenção neuropsicológica, documentação e teleneuropsicologia. Além do seu conteúdo técnico, seu lançamento simbolizou um marco muito importante para a área, demonstrando o reconhecimento da neuropsicologia dentro da psicologia brasileira. Caso esteja procurando uma leitura inicial, simples e rápida, comece por aqui!



Avaliação Neuropsicológica

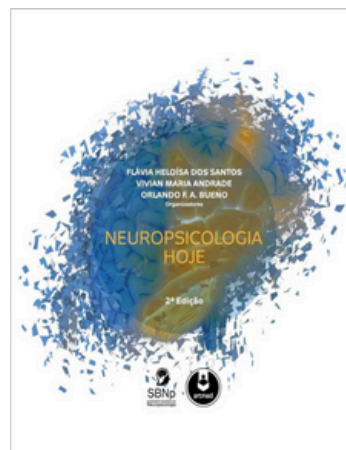
Organizadores: Leandro Malloy-Diniz, Daniel Fuentes, Paulo Mattos, Neander Abreu, 2018.

Organizada por Malloy-Diniz e colaboradores, essa obra apresenta princípios gerais e domínios específicos da avaliação neuropsicológica. Também, dá ênfase às pesquisas brasileiras sobre o assunto, dando visibilidade para a neuropsicologia do país. Assim, para além da aplicabilidade da avaliação neuropsicológica, a obra fornece uma visão ampla de suas contribuições, potencialidade e desafios a serem alcançados. Sendo este um dos maiores campos da neuropsicologia, o conhecimento sobre a avaliação neuropsicológica é vital para um desenvolvimento dentro da área. Assim, essa obra é uma ótima referência para quem está iniciando!

Neuropsicologia Hoje

Organizadores: Flávia Heloísa dos Santos, Vivian Maria Andrade, Orlando F. A. Bueno, 2015.

Dividida em cinco partes, a obra apresenta, de forma abrangente, o escopo de tratamento, prevenção e promoção de saúde na neuropsicologia. Já nos aspectos gerais, contempla as bases do sistema nervoso e as funções cognitivas, bem como particularidades da avaliação neuropsicológica. Nas partes seguintes dispõe de interfaces gerais e específicas da neuropsicologia em diferentes fases do desenvolvimento, finalizando com uma abordagem de intervenções. Por fim, além de uma introdução qualificada e aprofundada da área, indica possíveis caminhos para futuros profissionais e/ou pesquisadores desenvolverem-se, sendo uma boa opção para começar!



TIRANDO SUAS DÚVIDAS SOBRE REABILITAÇÃO DA MEMÓRIA

Caetano Schmidt Máximo e Evellyn Milene Alves Camelo

O tema deste mês é sobre a reabilitação neuropsicológica (RN), um dos pilares da prática em neuropsicologia. A RN é um processo de fundamental importância na reinserção social e funcional, e para a promoção da qualidade de vida geral do indivíduo. Abaixo, apresentamos algumas das perguntas enviadas pelo Instagram sobre este tema.

1. "A reabilitação neuropsicológica pode ser feita online?"

Sim. Como qualquer demanda de RN, o planejamento - incluindo a modalidade de avaliação - dependerá especificamente do perfil neuropsicológico do paciente e as funções-alvo de foco a serem trabalhadas. Em alguns casos, todavia, é possível que a modalidade remota e online seja inviabilizada, especialmente em casos com foco em disfunções práxicas ou motoras que necessitam de um manejo presencial das dificuldades. Em casos de reabilitação da linguagem, por exemplo, caso não haja o equipamento necessário para garantir uma transmissão de áudio de qualidade, é possível que haja interferências no trabalho feito. Em outros casos, é possível que ela sirva de bom proveito, a depender da função trabalhada. Torna-se necessário, portanto, explorar a realidade do paciente em termos de equipamentos e da tecnologia necessária, seu perfil comportamental e cognitivo, e demanda a ser trabalhada.

2. "O neurofeedback pode auxiliar no processo de reabilitação?"

O neurofeedback pode sim ser útil no âmbito da RN, de forma a orientar de maneira objetiva os efeitos de programas de estimulação, treino ou RN com base nos resultados de um mapeamento cerebral em tempo real. As informações obtidas são comparadas com um banco de dados normativo, a fim de comparar padrões de ondas cerebrais esperados para cada tipo de tarefa. Ao detectar alterações nos padrões de atividade eletrofisiológica durante as tarefas, o sinal do eletroencefalograma quantitativo (qEEG) é transferido para um computador e convertido em um feedback que pode ser de natureza visual ou auditiva. Esse feedback é então sinalizado pelo sistema ao paciente, que por sua vez, serve para nortear e guiar o profissional de reabilitação para a adaptação de técnicas e atividades, além de poder regular a atenção, engajamento e concentração nas atividades propostas (1).



3. "A RN em pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) pode ser benéfica?"

No contexto do TEA, a RN pode sim mostrar seu benefício uma vez focalizando nas funções cognitivas e comportamentais de fraqueza do paciente. No caso do TEA, além das comorbidades neuropsiquiátricas, são comuns as queixas principalmente no âmbito das habilidades sociais, linguísticas, comportamentais e das funções executivas (2). Portanto, a RN é de extrema relevância, devendo ser planejada de forma individualizada a partir dos achados uma avaliação neuropsicológica compreensiva e adequada (3), visando uma maior qualidade de vida tanto para o indivíduo quanto para a família.

4. "Quais as melhores técnicas para reabilitação de memória?"

A reabilitação da memória é desafiadora e, em alguns casos, pouco viável a depender do quadro amnésico ou grau de declínio cognitivo do paciente, sendo por vezes necessário recorrer à abordagens pautadas na estimulação cognitiva. Ainda assim, algumas técnicas se mostram proveitosas em prol desta estimulação. Para a memória operacional, são comumente empregadas técnicas como recuperação espaçada, aprendizagem sem erros, compreensão textual e treino baseado em imagens, técnicas que estimulam a associação entre pistas e ações (4,5). Para a memória de curto e longo prazo episódica, técnicas de aprendizado gradual, repetição de informação e uso de pistas contextuais são empregadas, com estratégias como aprendizagem sem erros e pistas temporárias (6). A utilização de recursos auxiliares externos e internos são também estratégias de aprendizado eficazes para a retenção de informações relevantes para pacientes com doenças neurodegenerativas (7). Além disso, o uso de recursos mnésicos podem também favorecer a consolidação episódica e aprendizagem de informações no contexto de prejuízos episódicos, incluindo técnicas de imagem mental e de associações.

Referências

- (1) WIGTON, N. L.; et al. (2015). A review of qEEG-guided neurofeedback. *NeuroRegulation*, 2(3), 149-149.
- (2) SOUSA, C.P. de et al. (2021). O papel do Neuropsicólogo na reabilitação de crianças com Transtorno do Espectro Autista. *Research, Society and Development*, 10(8), e17010817047.
- (3) SERAFIM, A. P. (2023). Neuropsicologia: da formação à aplicação prática.
- (4) WILSON, B. (2010). *Rehabilitation of memory disorders*.
- (5) POTVIN, M. et al. (2011). *Prospective memory rehabilitation based on visual imagery techniques*.
- (6) PTAK, R. et al. (2010). *Cognitive Rehabilitation of Episodic Memory Disorders: From Theory to Practice*.
- (7) PIRAS, F. et al. (2011). *Evidence-based practice recommendations for memory rehabilitation*.



**QUER TIRAR SUA DÚVIDA
CONOSCO?**

Acompanhe o instagram da
SBNp, e faça sua pergunta!

@SBNp_Brasil

COMPREENSÃO DE LEITURA

Luciano da Silva Amorim

A compreensão de leitura é a habilidade de entender e interpretar textos escritos. É uma habilidade complexa, que não se restringe à decodificação (transformar grafemas em fonemas). Ela abrange a captação de significados e identificação de ideias centrais, que serão conectadas aos conhecimentos prévios de um leitor (1). A partir da compreensão de leitura, um leitor consegue se engajar em diferentes materiais de leitura e usa os conhecimentos adquiridos de forma crítica. No dia a dia, ao lermos notícias, instruções, e-mails ou até mesmo um cardápio de restaurante, estamos aplicando a compreensão de leitura. Ela nos permite absorver informações, tomar decisões informadas e comunicar de maneira eficaz com o mundo ao nosso redor (1).

Modelos de Compreensão de Leitura

Existem diferentes modelos que analisam aspectos distintos da compreensão de leitura. Serão apresentados os modelos Simples da Leitura e de Construção-Integração. A Visão Simples da Leitura, proposta por Gough e Tunmer, sugere que a compreensão de leitura é um produto resultante da compreensão linguística e decodificação. A compreensão linguística envolve entender o significado das palavras, enquanto a decodificação é o processo de converter grafemas em sons. A redução simples a esses dois processos tem sido útil para identificar padrões de perfis de dificuldade (2).

Figura 1. Descrição de perfis de dificuldade

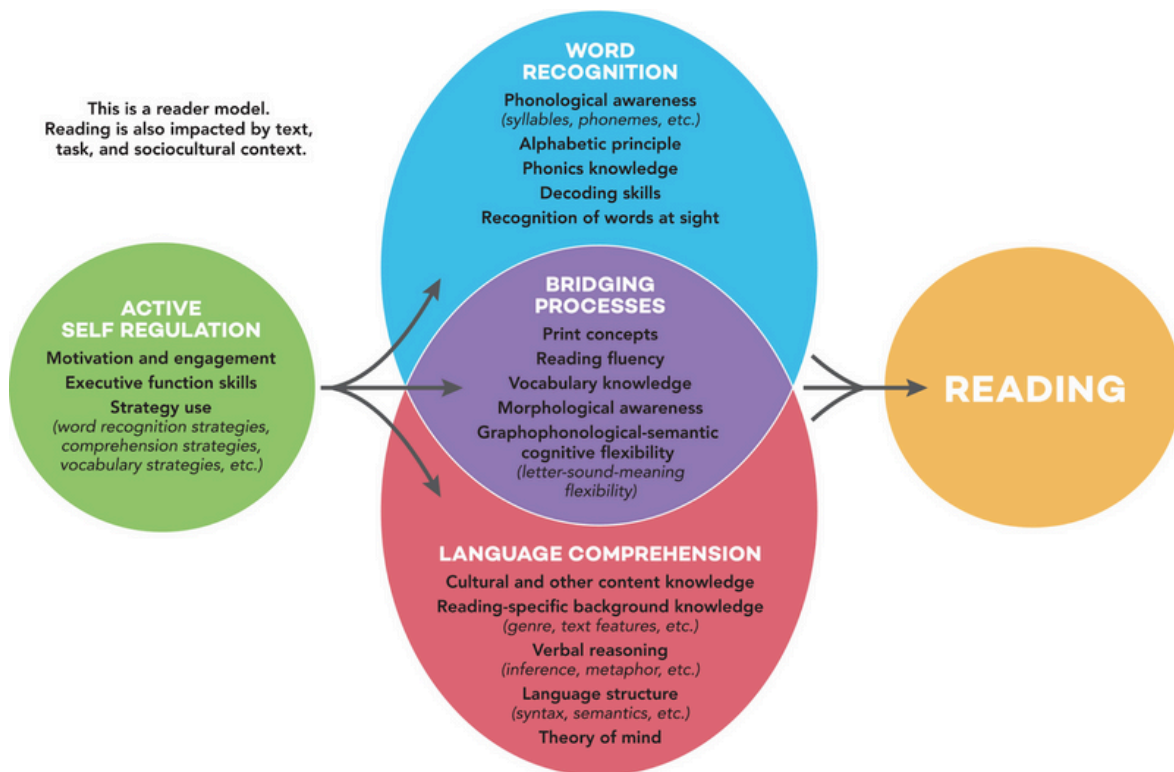
	Compreensão Linguística	
Decodificação	Insuficiente	Boa
Insuficiente	Leitor menos competentes em termos gerais	Disléxico
Boa	Leitor que compreende de forma menos competente	Leitor competente

Nota. Adaptado de Oakhill e colaboradores (3).

No entanto, mesmo os fatores de compreensão linguística e de decodificação podem ser decompostos em outras habilidades. Scarborough, por exemplo, detalha que a compreensão linguística é composta por conhecimentos prévios, vocabulário, conhecimento sobre estruturas da linguagem, e raciocínio verbal; e a decodificação engloba os conhecimentos sobre correspondência som-letra, reconhecimento visual de palavras conhecidas e a consciência fonológica. Por sua vez, Duke e Cartwright propõem um modelo alternativo, a Visão Ativa da Leitura, que incorpora subprocessos de compreensão linguística e decodificação, além de motivação e autorregulação (Figura 2) (4).



Figura 2.



Nota. Adaptado de Duke e Cartwright (4).

O Modelo de Construção-Integração, desenvolvido por Kintsch e van Dijk, explica a compreensão de leitura através da construção de significados e integração de informações. O leitor inicialmente decodifica o texto e cria um modelo mental, ativando informações relevantes e irrelevantes. Durante a fase de integração, o leitor avalia e conecta as proposições dentro de um contexto global, formando uma modelo de situação. Este modelo final combina informações do texto com o conhecimento de longo prazo do leitor. A capacidade de retenção (memória de curto prazo) é limitada, portanto, aspectos que mais se conectam ao conhecimento do leitor são mais prováveis de serem retidos (5).

O tipo de texto importa

A compreensão de leitura de textos expositivos e textos narrativos envolve habilidades distintas devido às características específicas de cada tipo de texto. Textos expositivos, como artigos de jornais, livros didáticos e relatórios, têm como objetivo principal transmitir informações de maneira precisa e objetiva. A linguagem utilizada tende a apresentar o sentido literal das palavras, sem ambiguidades. A compreensão desses textos exige do leitor a capacidade de identificar e extrair informações relevantes, reconhecer a estrutura lógica e sequencial das ideias apresentadas e avaliar a relação das informações com seu conhecimento anterior. Além disso, a leitura de textos expositivos pode incluir a habilidade de interpretar gráficos, tabelas e outros recursos visuais que complementam o conteúdo escrito [6].

Por outro lado, a compreensão de textos narrativos, como contos e romances, envolve uma abordagem mais subjetiva e interpretativa. Esses textos têm como objetivo principal contar uma história, seja ela real ou fictícia, e são caracterizados por uma linguagem conotativa, que utiliza figuras de linguagem e simbolismos para enriquecer a narrativa.

A compreensão de textos narrativos exige do leitor a habilidade de identificar elementos como personagens, enredo, ambiente e tempo, além de interpretar as intenções e emoções dos personagens e do narrador. A leitura desses textos também requer a capacidade de inferir significados implícitos, o que pode envolver habilidades metalinguísticas distintas, além de ter forte impacto da capacidade intelectual [6].

Como avaliar a compreensão de leitura?

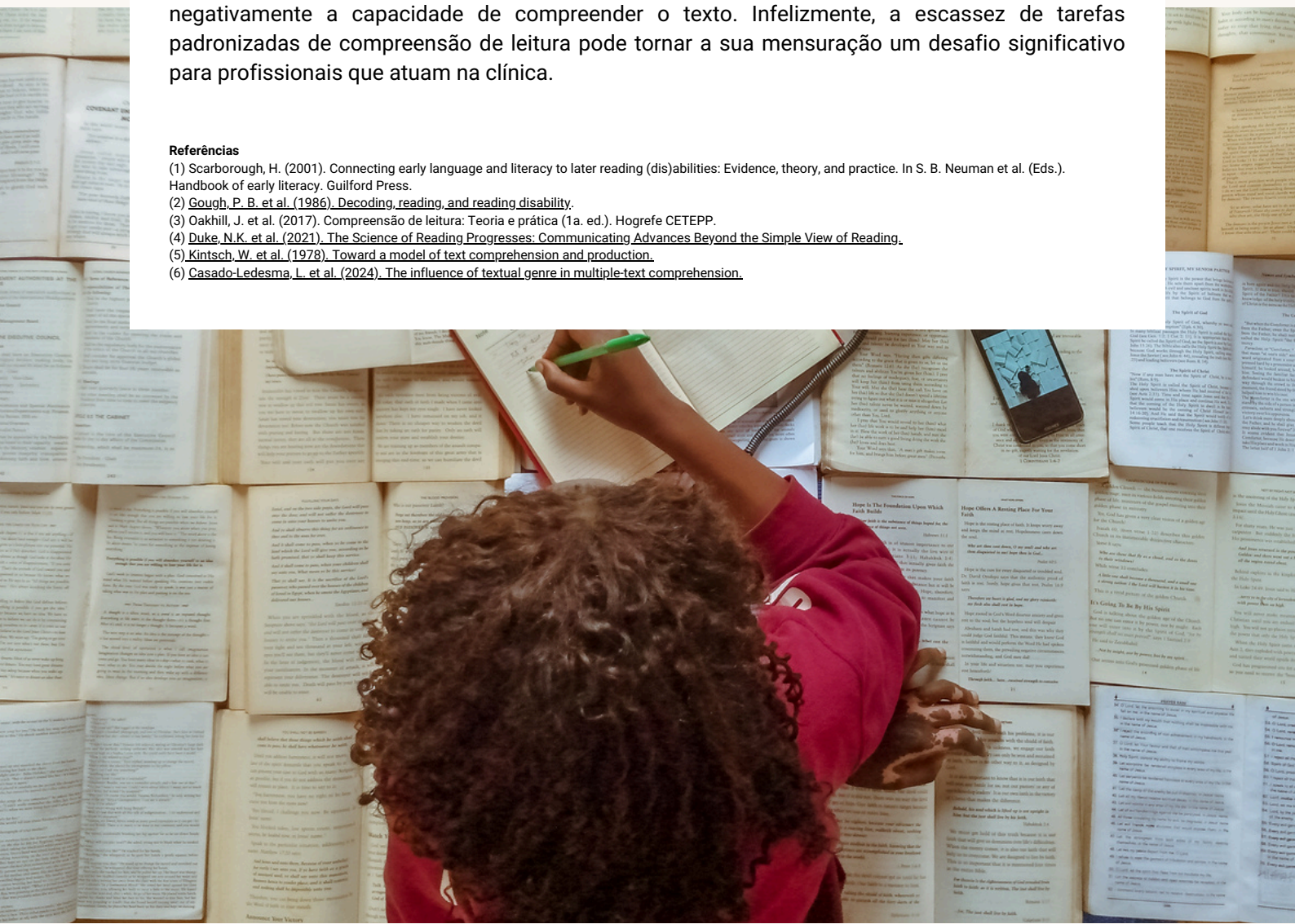
Dada a complexidade de habilidades envolvidas no processo de compreensão de leitura, sua avaliação pode ser realizada a partir de uma variedade de métodos e instrumentos. Uma abordagem comum envolve a apresentação de um texto acompanhado por perguntas de múltipla escolha ou questões abertas. As perguntas podem variar de questões factuais, que exigem que o leitor recorde informações diretamente do texto, a questões inferenciais, que requerem a integração de conhecimento prévio e habilidades de pensamento crítico.

Outra maneira de avaliar a compreensão de leitura é através de tarefas de resumo ou relato. Nessa metodologia, os leitores são solicitados a ler um texto e, em seguida, produzir um resumo que capture os principais pontos e argumentos. Esse tipo de avaliação não apenas mede a capacidade de compreensão do texto, mas também a habilidade de reter e organizar as informações e expressá-las de forma clara e concisa. Analisando os resumos ou relatos, pode-se identificar o nível de entendimento do leitor e a capacidade de distinguir informações essenciais de detalhes secundários.

A avaliação da fluência de leitura também é crucial para entender a capacidade de compreensão. A fluência envolve a habilidade de ler um texto de forma rápida, precisa e com expressão apropriada. A falta de fluência pode indicar dificuldades na decodificação, o que pode afetar negativamente a capacidade de compreender o texto. Infelizmente, a escassez de tarefas padronizadas de compreensão de leitura pode tornar a sua mensuração um desafio significativo para profissionais que atuam na clínica.

Referências

- (1) Scarborough, H. (2001). Connecting early language and literacy to later reading (dis)abilities: Evidence, theory, and practice. In S. B. Neuman et al. (Eds.). *Handbook of early literacy*. Guilford Press.
- (2) Gough, P. B. et al. (1986). *Decoding, reading, and reading disability*.
- (3) Oakhill, J. et al. (2017). *Compreensão de leitura: Teoria e prática* (1a. ed.). Hogrefe CETEPP.
- (4) Duke, N. K. et al. (2021). *The Science of Reading Progresses: Communicating Advances Beyond the Simple View of Reading*.
- (5) Kintsch, W. et al. (1978). *Toward a model of text comprehension and production*.
- (6) Casado-Ledesma, L. et al. (2024). *The influence of textual genre in multiple-text comprehension*.



PARADIGMAS DE AVALIAÇÃO E INTERVENÇÃO DA COMPREENSÃO LEITORA EM CRIANÇAS

Luciano da Silva Amorim

Apesar do reduzido número de medidas padronizadas para compreensão de leitura disponíveis para uso na clínica, a tabela a seguir apresenta instrumentos que podem ser considerados em uma avaliação ampla dos processos de leitura - incluindo o de compreensão.

Paradigmas de avaliação para crianças e adolescentes

Público escolar	Instrumento	Referência
A partir da 2ª série do Ensino Fundamental	Avaliação da Compreensão Leitora de Textos Expositivos	Saraiva et al. (2020). Hogrefe.
4º ao 5º ano do Ensino Fundamental (9 a 12 anos)	ANELE 2 - COMTEXT - Avaliação da Compreensão de Leitura Textual	Corso et al. (2017). Vetor.
6º ao 9º ano do Ensino Fundamental (11 a 15 anos) e 1º ao 3º ano do Ensino Médio (15 a 18 anos)	PROLEC-SE-R - Provas de Avaliação dos Processos de Leitura	Cuetos et al. (2023). Hogrefe.
2º ao 5º ano do Ensino Fundamental	PROLEC - Provas de Avaliação dos Processos de Leitura	Cuetos et al. (2014). Hogrefe.
2º ao 5º ano do Ensino Fundamental	TELCS - Teste de Leitura: Compreensão de Sentenças	Vilhena & Pinheiro. (2016). NilaPress.
4º ao 9º ano do Ensino Fundamental	BACOLE 2: Teste Cloze de Compreensão de Leitura	Brito et al. (2023). Memnon.



Intervenção da compreensão leitora

No âmbito interventivo, o Programa de Estimulação da Compreensão Leitora e das Funções Executivas (PECOLEFE) é um programa recém lançado pela Editora Booktoy em 2024, cujo objetivo é o de promover a habilidade ótima da compreensão leitora com base em estratégias pautadas nas funções executivas. O programa é dividido em três módulos: 1. Controle inibitório, 2. Flexibilidade Cognitiva e 3. Memória de trabalho. Pode ser aplicado por neuropsicólogos, fonoaudiólogos ou professores, incluindo no âmbito da reabilitação neuropsicológica e intervenção precoce-preventiva em crianças apresentando prejuízos ou níveis abaixo do esperado em leitura.

MITOS E VERDADES SOBRE O COMPROMETIMENTO COGNITIVO LEVE (CCL)

Joana D'arc Oliveira de Mendonça e Thais Suarez

O Comprometimento Cognitivo Leve (CCL) é uma condição que afeta a memória e outras funções cognitivas, mas que não é severa o suficiente para interferir significativamente nas atividades diárias. É frequentemente visto como um estágio intermediário entre o envelhecimento normal e a demência, e pode ser um fator de risco para doenças neurodegenerativas, como a doença de Alzheimer. Compreender CCL é crucial para a identificação precoce e intervenção eficaz. Aqui, desmistificamos alguns conceitos comuns sobre essa condição.

Mito 1: CCL é o mesmo que demência

Embora o CCL possa ser um precursor da demência, ele não é a mesma coisa. O CCL envolve alterações cognitivas leves que não afetam a capacidade de realizar atividades diárias, enquanto a demência é caracterizada por um declínio mais severo e generalizado das funções cognitivas.

Mito 2: Se você tem CCL, inevitavelmente desenvolverá demência

Nem todos os indivíduos com CCL progridem para demência. Embora o CCL possa aumentar o risco, muitas pessoas com CCL não desenvolvem demência e podem até mesmo manter a estabilidade cognitiva por muitos anos.

Mito 3: CCL não pode ser tratado ou gerenciado

Existem estratégias e intervenções que podem ajudar a gerenciar o CCL e melhorar a qualidade de vida. A terapia cognitiva, exercícios mentais, e modificações no estilo de vida podem ser eficazes para alguns indivíduos.

Verdade 1. O CCL pode ser um sinal de alerta para futuras doenças neurológicas

O CCL é frequentemente considerado um fator de risco para doenças neurodegenerativas, como a doença de Alzheimer. A identificação precoce e o monitoramento são importantes para possíveis intervenções.

Verdade 2. A avaliação neuropsicológica é essencial para diagnosticar CCL

O diagnóstico de CCL geralmente envolve uma avaliação neuropsicológica detalhada, que pode ajudar a distinguir entre o envelhecimento normal e mudanças cognitivas mais significativas, ponderando, ao mesmo tempo, aspectos culturais e sócio demográficos que, por sua vez, afetam o desempenho cognitivo.

Verdade 3. Mudanças no estilo de vida podem ajudar a retardar a progressão do CCL

Adotar um estilo de vida saudável, incluindo atividades físicas regulares, uma dieta equilibrada, e o hábito frequente de se debruçar de atividades cognitivamente estimuladoras (ex: jogos e exercícios de raciocínio e memória, a leitura frequente e diária, aprender uma nova língua ou atividade) pode contribuir para a manutenção e estimulação das funções cognitivas e, por efeito, retardar a progressão do CCL. Cabe mencionar o papel elementar da preservação da saúde mental, e o investimento na qualidade de vida geral e em atividades prazerosas para um envelhecimento ótimo. Por fim, o abandono de práticas tabagistas e do consumo excessivo de bebidas alcoólicas pode também contribuir para melhores prognósticos.

A ATUAÇÃO DO NEUROPSICÓLOGO EM NEUROCIRURGIAS COM O PACIENTE ACORDADO

Caetano Schmidt Máximo & Gabriela C. Brito

A neurocirurgia com o paciente acordado (procedimento cunhado no inglês de 'awake craniotomy') é uma abordagem considerada padrão ouro para o tratamento de lesões cerebrais focais, como tumores do sistema nervoso central e malformações arteriovenosas. O objetivo do 'awake' é de promover maiores índices de segurança e preservação da funcionalidade de regiões cerebrais eloquentes que localizem-se de maneira proximal aos alvos que serão abordados cirurgicamente (1). Esse procedimento envolve a abertura do crânio (craniotomia) e o consecutivo manejo anestésico do paciente, até que seja atingido um nível de consciência suficiente para sua colaboração e participação no mapeamento cerebral. O mapeamento é conduzido por um neuropsicólogo ou um fonoaudiólogo, que propõe ao indivíduo uma série de tarefas intraoperatórias capazes de avaliar funções que possam estar associadas à localização da lesão.

Por meio da estimulação cortical direta, que é realizada pelo neurocirurgião, torna-se possível provocar déficits transitórios durante a realização das tarefas, de forma a interromper funções que estejam sendo desempenhadas durante o procedimento (2). Essa interrupção revela a associação entre a estrutura que é estimulada e a função monitorada. Dessa forma, o método permite ao neurocirurgião uma maior delimitação das regiões eloquentes que envolvem o alvo de interesse cirúrgico, possibilitando-o reforçar os cuidados no momento da ressecção em locais que, caso lesionados, possam acarretar em déficits funcionais permanentes (3).

Trata-se de uma atuação de extrema relevância, porém, em falta no contexto nacional em termos de boas práticas e diretrizes de atuação. O neuropsicólogo belga François Delaere atualmente é reconhecido como um dos poucos profissionais que realizam este procedimento no Brasil. François é Psicólogo, Neuropsicólogo clínico e Mestre em Ciências Psicológicas das Aprendizagens e das Deficiências pela Université Libre de Bruxelles (Bélgica). Atualmente é supervisor do serviço de Neuropsicologia do Instituto Estadual do Cérebro Paulo Niemeyer (IECPN/RJ), onde atua com avaliação neuropsicológica em candidatos à neurocirurgia com pacientes acordados. É supervisor em neuropsicologia, coordena o Grupo Awake de estudo em neurocirurgia acordada, e oferece supervisões para casos de awake para neuropsicólogos de todo o Brasil. Diante de sua notória atuação e contribuição, convidamos o neuropsicólogo para responder algumas perguntas sobre a atuação do neuropsicólogo no procedimento 'awake'.



#1. Qual o papel do neuropsicólogo em uma equipe multidisciplinar de neurocirurgia com o paciente acordado?

“O papel principal do neuropsicólogo é realizar a avaliação pré-operatória para identificar riscos cognitivos e emocionais do paciente, considerando a região de interesse cirúrgico. Além disso, ele prepara o paciente psicologicamente e ajusta as tarefas que serão realizadas durante a cirurgia com o paciente acordado, garantindo que o material apresentado seja adequado às capacidades demonstradas no pré-operatório. No dia da cirurgia, o neuropsicólogo atua como referência emocional para o paciente, facilitando a interação com o anestesista e o cirurgião, promovendo um ambiente mais humanizado e menos assustador. No pós-operatório, ele verifica possíveis fraquezas ou sequelas decorrentes do procedimento e orienta o paciente sobre a reabilitação necessária. Do ponto de vista multidisciplinar, o neuropsicólogo é essencial para integrar os diversos membros da equipe, incluindo neurocirurgiões, neurologistas, neurofisiologistas, anestesistas e a equipe de enfermagem, assegurando um suporte abrangente e colaborativo.”

#2. Como é feito o planejamento pré-operatório do procedimento pelo neuropsicólogo?

“O planejamento pré-operatório envolve uma avaliação neuropsicológica completa para determinar a linha de base do paciente, incluindo suas capacidades, limitações e eventuais alterações pré-existentes. Esta linha de base é essencial para a avaliação pós-operatória e para oferecer suporte de reabilitação adequado. Além disso, é fundamental avaliar as condições psicológicas do paciente, incluindo seu equilíbrio emocional. Pacientes muito ansiosos podem não ser bons candidatos para a cirurgia acordada e, portanto, precisam de preparação específica, que também ocorre no pré-operatório. O pré-operatório também inclui o treino e a calibragem das tarefas que serão apresentadas durante a cirurgia. Isto é feito por meio de explicações detalhadas do processo, visitas ao centro cirúrgico, vídeos informativos e respostas a perguntas sobre os medos relacionados à cirurgia acordada.”

#3. Quais domínios cognitivos podem ser abordados durante uma neurocirurgia acordada?

“As cirurgias acordadas são mais frequentes em pacientes com lesões em áreas de linguagem, envolvendo tanto a produção quanto a compreensão. No entanto, é também importante para lesões em áreas frontais, onde funções executivas, memória de trabalho, inibição e flexibilidade são avaliadas. Embora essas redes sejam mais dispersas no cérebro e muitas vezes haja suporte para evitar alterações significativas, a importância varia conforme a atuação do paciente. Por exemplo, o cálculo pode ser crucial para um contador. Para o hemisfério direito, apesar de ser menos comum acordar o paciente, é fundamental para evitar a negligência unilateral esquerda. Outras funções cognitivas importantes incluem áreas posteriores do lobo temporal, relacionadas à leitura e reconhecimento de objetos e rostos, especialmente no nível dos giros fusiformes.”

#4. Quais requisitos você acredita que um neuropsicólogo deveria atender para iniciar sua atuação na área?

“É fundamental ter uma boa capacidade de avaliação pré-operatória, especialmente em termos de relações anatômico-clínicas, mais do que conhecimentos específicos de neuroimagem. É essencial compreender as funções das áreas cerebrais, como a área de Broca, e as redes corticais e subcorticais, como o fascículo arqueado, sem necessariamente saber suas localizações exatas. Para participar de uma cirurgia acordada, é importante conhecer as funções eloquentes a essas áreas e adaptar os testes de acordo com a região a ser operada. Além disso, é necessário ter noções básicas sobre o ambiente cirúrgico, a atuação do anestesista e a dinâmica da equipe médica.”

Referências

- (1) [Benedictis, A. et al. \(2010\). Awake mapping optimizes the extent of resection for low-grade gliomas in eloquent areas.](#)
- (2) [Duffau, H. et al. \(2003\). Usefulness of intraoperative electrical subcortical mapping during surgery for low-grade gliomas located within eloquent brain regions: functional results in a consecutive series of 103 patients.](#)
- (3) [Rossi, M. et al. \(2019\). Innovation in neurosurgery: the concept of cognitive mapping.](#)

A TEORIA NEUROCIENTÍFICA DA MENTE ESTENDIDA: IMPLICAÇÕES PARA A NEUROPSICOLOGIA ESCOLAR

Aline Carolina Bassoli Barbosa



O conceito da Mente Estendida, proposto por Clark e Chalmers em 1998, surge do questionamento: "onde a mente termina e o restante do mundo se inicia?" (1). Esta teoria neurocientífica destaca a importância do ambiente na cognição, argumentando que os recursos externos são cruciais para atender às demandas cognitivas do indivíduo (2).

No contexto educacional, os estudantes utilizam estratégias de aprendizagem, aplicando sequências de procedimentos para facilitar a aquisição, armazenamento e utilização da informação. Tais estratégias podem ser cognitivas, quando são utilizadas ações específicas para lidar e aprender informações de maneira mais eficiente, ou de autorregulação metacognitivas, quando realizam o planejamento, monitoramento e regulam seu próprio pensamento. Tradicionalmente, essas abordagens consideram os processos cognitivos como funções exclusivas do cérebro (2).

No entanto, segundo a Teoria da Mente Estendida, a aprendizagem ocorre por meio da interação do corpo com o ambiente, considerando três dimensões de corporificação relacionadas entre si: orgânica, sensório-motora e intersubjetiva. A dimensão orgânica se desenvolve de forma dinâmica e autônoma quando integrada com o mundo ao seu redor. A dimensão sensório-motora é moldada pelas experiências adquiridas na interação com o ambiente, envolvendo processos de assimilação e acomodação. Já a dimensão intersubjetiva envolve a interação entre o indivíduo e seu ambiente, especialmente por meio da linguagem, que utiliza o corpo todo para facilitar a comunicação. Essa intersubjetividade corporificada é fundamental para a cognição social. Clark e Chalmers argumentam que a cognição não é uma função puramente do cérebro e que o uso de tecnologias cognitivas faz parte da cognição humana. Essas tecnologias não são apenas externas, como a computação avançada, mas incluem também o apoio que os indivíduos buscam no ambiente para raciocinar, fazendo do ambiente uma parte da cognição, e não apenas um estímulo (2).

Utilizando técnicas de imagem cerebral como a espectroscopia funcional de infravermelho próximo (fNIRS) para a análise de indivíduos no contexto educacional, é possível compreender melhor os processos cognitivos e a aprendizagem em sala de aula. Estudos mostram que, durante as interações educacionais, há ativação da região cortical pré-frontal, envolvida em processos cognitivos superiores, tanto no professor quanto no aluno durante o monitoramento de ações para concluir tarefas. Além disso, observa-se uma correlação positiva entre a junção temporo-parietal do professor, relacionada à mentalização e empatia, e o córtex pré-frontal (CPF) da criança. Esses achados sugerem que a aprendizagem é um processo bidirecional, onde o professor, inicialmente como guardião estratégico, passa a guiar seu próprio comportamento e o do aluno. A análise da ativação do sistema do CPF prosencéfalo basal, responsável pela mediação da atenção sustentada, revelou que o tempo é um fator crucial na capacidade de manter a atenção. Em geral, quanto mais curto for o tempo de atenção necessário, melhor. Assim, o papel do professor é fundamental para ajudar o aluno a manter o foco. Engajar o estudante em um diálogo cooperativo e guiá-lo por meio de perguntas durante o processo de reflexão e descoberta também pode aumentar seu envolvimento (3).

Em resumo, a Teoria da Mente Estendida oferece novas perspectivas para a neuropsicologia escolar. Ela permite uma compreensão mais profunda e detalhada do desenvolvimento dos processos cognitivos em contextos educacionais, compreendendo como o corpo e o ambiente como parte da cognição humana, o que pode auxiliar as práticas pedagógicas e melhorar os resultados de aprendizagem.

Referências

1. CLARK, A. et al. (1998). *The extended mind. Analysis.*
2. MACHADO, D. V. et al. (2023). *Estratégias de aprendizagem: reflexões sobre o papel do corpo e a tese da mente estendida.*
3. BROCKINGTON, G. et al. (2018). *From the laboratory to the classroom: The potential of functional near-infrared spectroscopy in educational neuroscience.*



HOMENAGEM À MÔNICA CAROLINA DE MIRANDA

Pablo Silva de Lima

Conhecendo os membros de perto

Nesta edição, com o objetivo de aproximá-los das figuras célebres que compõem a Academy, realizamos uma entrevista com a Professora Doutora Mônica Carolina de Miranda. A cadeira que ela ocupa na Academy é nomeada em homenagem a Orlando Bueno, um dos pesquisadores brasileiros que mais contribuíram para o desenvolvimento da neuropsicologia no Brasil.



Quem foi Orlando Bueno

Orlando Bueno graduou-se em Psicologia em 1969 pela Universidade de São Paulo (USP). Durante a graduação, se interessou pelo estudo do cérebro. Em 1967, integrou a equipe de estagiários de outro ilustre neurocientista brasileiro, o Prof. Elisaldo Carlini, falecido em 2020, que na época atuava na Santa Casa de Misericórdia com estudos em Psicofarmacologia. Bueno continuou sua

formação sob a orientação do Prof. Carlini durante o mestrado em Farmacologia e doutorado em Psicobiologia, ambos na Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo (EPM/UNIFESP). Em 1975, passou a integrar o corpo docente do Departamento de Psicobiologia (EPM/UNIFESP), onde deu continuidade a pesquisas com modelos animais. Seus estudos focaram predominantemente nos efeitos de substâncias psicotrópicas e psicoativas predominantemente do Cannabis sobre o comportamento, além da neurobiologia da memória e paradigmas de aprendizado cognitivo em animais. Durante sua formação, teve uma passagem pelo laboratório do eminente Prof. James McGaugh nos Estados Unidos. A neuropsicologia entrou na trajetória acadêmica do Prof. Orlando no início da década de 1990, quando ele aceitou orientar três alunas que haviam realizado estágios de aprimoramento profissional no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP, sob supervisão de duas grandes psicólogas da neuropsicologia brasileira, Beatriz H. Lefèvre e Cândida H. Pires de Camargo. A vasta quantidade e variedade de instrumentos neuropsicológicos adaptados por ele e sua equipe para uso no Brasil é apenas algumas de suas contribuições para a neuropsicologia nacional. Dentre eles, estão: o "Conners' Continuous Performance Test" versão para pré-escolares (K-CPT), o "Wisconsin Card Sorting Test" (WSCT, versão computadorizada), e o "Behavior Rating Inventory of Executive Function" (BRIEF), entre outros. O notório pesquisador e professor faleceu em 2019, deixando sua marca inspiradora na trajetória acadêmica em neuropsicologia em nosso país.

Conhecendo Mônica Carolina de Miranda

Prof. Mônica é psicóloga pela Universidade São Marcos (1995), e possui mestrado (2000) e doutorado (2004) em Ciências pela UNIFESP. É membro fundadora do Núcleo de Atendimento Neuropsicológico Infantil (NANI), e idealizadora do Projeto Pela Primeira Infância (PPI). É pesquisadora associada da Rede Nacional de Ciência para a Educação (Rede CpE). Possui uma trajetória docente vasta, tendo tido vínculo docente com a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN, 2016-2017) e Universidade Ibirapuera (2017-2021). Atualmente é professora afiliada à UNIFESP, e professora visitante da Universidade Federal da Bahia. Além disso, possui vínculos políticos na área da neuropsicologia brasileira, sendo integrante do grupo de trabalho (GT) de Neuropsicologia da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia (ANPEPP) e Conselho Federal de Psicologia (CFP). Além da ABNp, é também membro da SBNp, sendo membro do GT de neuropsicologia escolar. Autora de obras, capítulos de livros e produções técnicas em neuropsicologia, Prof. Mônica é amplamente reconhecida no campo da neuropsicologia pelas suas contribuições, pesquisas e produções no âmbito da neuropsicologia escolar e do desenvolvimento. Confira a seguir nossa entrevista com Dra. Mônica.

**Entrevista com Mônica Carolina de Miranda****1. Descreva sua trajetória na neuropsicologia. Como se interessou pela área?**

"Minha trajetória na neuropsicologia aconteceu por acaso. Em 1996, enquanto buscava um aprimoramento pela UNIFESP, por ser gratuito, me deparei com uma vaga no Departamento de Psicobiologia para auxiliar uma mestranda em sua dissertação com pacientes com Esclerose Múltipla. Foi a primeira vez que ouvi falar em neuropsicologia, uma área completamente desconhecida na época. Naquele tempo, existiam apenas dois pequenos grupos de neuropsicologia no Brasil: um no Hospital das Clínicas da USP e outro na Psicobiologia. Foi paixão à primeira vista. Durante um ano, auxiliei na avaliação neuropsicológica de pacientes com Esclerose Múltipla e, posteriormente, com pacientes com Doença de Alzheimer. No entanto, eu sempre tive uma preferência por trabalhar com crianças. Por isso, ao ingressar no mestrado, apresentei um projeto focado na avaliação do desenvolvimento da memória. Em seguida, no doutorado, dediquei-me ao estudo do perfil neuropsicológico de crianças desnutridas. Ainda durante o mestrado, fiz uma parceria com o neuropediatra Mauro Muszkat para avaliar crianças com epilepsia. Dessa colaboração, nasceu o Núcleo de Atendimento Neuropsicológico Interdisciplinar, o NANI."

2. Quem são seus mentores ou inspirações na área?

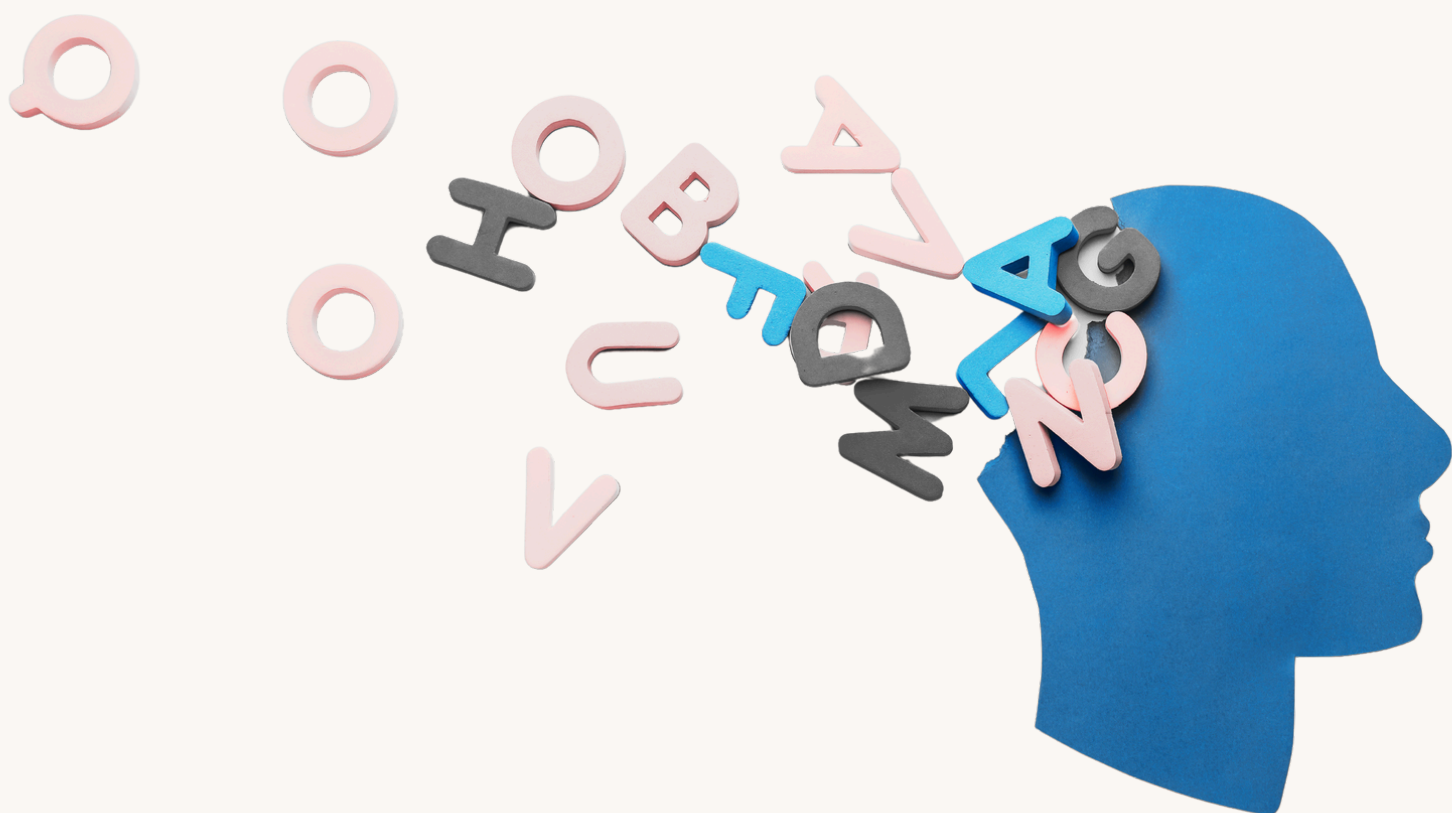
"Meu grande mentor foi o Prof. Orlando Bueno, e minha principal inspiração foi a Prof. Beatriz Lefevre, a primeira neuropsicóloga infantil no Brasil."

3. Quais conselhos você daria para os interessados em seguir uma carreira na Neuropsicologia?

"Estudem muito, participem de congressos, e busquem se atualizar constantemente. Mais importante ainda, é essencial que façam supervisão com um profissional de excelência. Ter um bom mentor é crucial, mesmo que você não seja mais um iniciante na área."

4. Quais foram (ou são) os maiores desafios que já enfrentou na neuropsicologia?

"O maior desafio que enfrentei foi no início, devido à falta de literatura brasileira em neuropsicologia e à ausência de instrumentos normatizados."

**VOCÊ SABIA?**

A coluna "Por dentro da Academy" é uma iniciativa idealizada pela SBNp Jovem em prol da integração da SBNp e a ilustre ABNP. Aqui, você tem a oportunidade de conhecer mais de perto os renomados membros da Academy, além de obter acesso às notícias mais recentes da ABNP.

DIVULGAÇÕES EM NEUROPSICOLOGIA: EVENTOS DE NEUROCIÊNCIAS E COMPORTAMENTO MOTOR

Miguel Gomes Garcia

Neuromeeeting 2024

Data: 18 e 19 de outubro de 2024

Local: Espaço Villa Rica, Londrina-PR



Serão dois dias de imersão com renomados especialistas e pesquisadores em Neurociência e Aprendizagem Infantil. O encontro deste ano tem como tema principal: “Neurociência e Educação: Caminhos para Melhorar o Ensino, Transformar Escolas e Impactar a Sociedade”. Para mais informações acesse: <https://neuromeeeting.com.br>

9º Congresso Internacional de Neurociência e Aprendizagem - Brain Connection

Data: 29,30,31 de outubro e 1 de novembro de 2024

Local: UFPE, Recife-PE



É um dos maiores congressos educacionais do Brasil e da União Europeia tem como o objetivo de favorecer interlocuções, debates e publicização de temas de relevância no contexto da educação, saúde e neurociências, Nesta edição o tema central é “Ciência da Mente, Cérebro e Educação”. Para mais informações acesse: <https://brainconnection.com.br>

OUTRAS OPORTUNIDADES

XIV Reunião Anual do IBNeC & 3º Congresso da Abranep & V Congresso Sul-Brasileiro de Cognição & IV Seminário Catarinense de Avaliação Psicológica

Data: 17, 18 e 19 de outubro de 2024

Local: Oceania Park Hotel & Convention Center



O evento traz uma excelente oportunidade para atualização em temas básicos e aplicados em Neuropsicologia e Neurociências. Além disso, ele permite um contato ativo e dinâmico entre alunos e pesquisadores das mais diferentes regiões do Brasil e pesquisadores internacionais. Para mais informações acesse: <https://www.ibnec.com.br>.

Congresso Brain

Data: 18, 19, 20 e 21 de junho de 2025

Local: Fortaleza - CE



O Brain Congress realiza sua primeira edição no Nordeste, trazendo um evento de grande relevância no campo das neurociências para a região.

Para mais informações acesse: www.brain2025.com.br.

X Congresso Brasileiro e XIII Congresso Internacional de Psicologia do Esporte e do Exercício

Data: 4, 5 e 6 de dezembro de 2024

Local: FEF-UNICAMP, Campinas - SP



Este evento tem como objetivo central criar um espaço de reflexão e troca de experiências sobre a atuação da Psicologia do Esporte em uma perspectiva interdisciplinar, abordando as complexidades por trás de cada atleta, treinador e equipe esportiva. Valorizando o diálogo entre diferentes áreas, visa fortalecer a pesquisa e promover a divulgação científica, enquanto explora os processos psicológicos que moldam o desempenho esportivo, aproximando estudantes, pesquisadores e profissionais do campo esportivo. Para mais informações acesse: <https://www.fef.unicamp.br/fef/conbipe2024>.



ATENÇÃO

A programação científica do 23º Congresso Internacional e Nacional de Neuropsicologia já está disponível!

Acesse o [site](https://www.congresso23neuropsicologia.org.br), e saiba mais.

Local: Centro de Convenções de Natal – Natal/Rio Grande do Norte.

Modalidade: Presencial.

Data: 31 de outubro a 2 de novembro.

Inscrições abertas.

Submissão de trabalhos: até 10 de junho.



**Você participa de algum
projeto em Neuropsicologia?
Seja nosso parceiro!**



Se você participa de alguma liga acadêmica, acesse:

<https://forms.gle/FC8hfE4dnVBno6bw9>

**Se você participa de grupos de pesquisa, projetos
de extensão, formação e ambulatórios , acesse:**

<https://forms.gle/14fp7QDr7UCtuat69>





@sbnp_brasil
sbnp@sbnpbrasil.com.br
www.sbnpbrasil.com.br